ANNO 3.º — Sexta-feira, 18 de Março de 1910 — NUMERO 109

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)
Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR—ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua de Jesus.—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS
Por linha (segunda e terceira pagina) . . . . 40 réis
Quarta pagina . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Defeza nacional

III

(Aspectos da situação)

A inferioridade naval da França que seduzida pela *jeune école* commetteu o erro de se afastar inteiramente da orientação das grandes potencias navaes, apesar das patrioticas intenções dos seus sequazes, a cuja frente se conta o reconhecidamente illustre almirante Aube, pelo fracasso estrategico e juridico dos planos de guerra do corso, vém provar a verdade da sentença do general Bicci, professor da Escola de Guerra italiana que affirmou *não se corrigirem em muitas gerações os erros commettidos em assumptos de defeza.*

A mesma França, além de inferior em força naval pelo erro da *jeune école*, ainda hoje com a sua ideologica preoccupação da *révanche* e com o remorso da Alsacia e Lorena, soffre as consequencias dos crimes do segundo imperio, assim como a nossa visinha Hespanha soffre e soffrerá longo tempo as consequencias desastrosissimas dos antigos erros politicos e faltas de previdencia militar dos seus governantes.

E se a França que é riquissima, cujas recursos economicos e financeiros são incomparaveis, a França que como uma Fenix renasceu dos destroços de 70 e reconstituiu rapidamente todos os seus serviços publicos, pagou á Allemanha sem demoras a tremenda indemnisação de 5:000 milhões de francos, curou a ferida da Communa que, segundo o calculo de Villefort custou á nação 35 milhões por dia, essa França que perdeu 14:508 kilometros de territorio e 1 milhão e meio de cidadãos, que dispendeu na guerra 5:000 milhões de francos e reparou promptamente as devastações, ruinas, perdas agricolas, industriaes e commerciaes, essa França que se fortaleceu após tantos desastres e de tal modo desenvolveu as suas riquezas que empresta a todo o mundo e, o que incrivel parece, até á Russia immensa e á Allemanha sua vencedora e rival empresta os seus inexgotaveis capitaes, se essa França não póde desmentir a sentença de Ricci, nem a Hespanha tão extensa, que será de nós?

E que será de nós ainda se por mais tempo protelarmos o nosso resurgimento, a organisação da nossa defeza militar, verdadeira fundação da nossa independencia? Nós a nação miseravel, nós a nação ignorante, nós a nação atrazada em industria, em instrucção, em politica, em tudo! Nós a nação cuja vida financeira se resume em emprstimos e cujo caminho não outro se não o da bancarrota nós que temos apenas metade do nosso solo aproveitave (44 °|₀) ainda inculto e que não temos, consequentemente, uma autonomia economica; nós que dispendemos d'encargos annuaes com a divida exerna a somma asphyxiante de 15:303 contos de réis e que arcamos ainda com uma divila interna de 80:000 contos; nós que com leis de protecção á agricultura temos de importar uma media de 4:000 contos de cereaes por anno; nós que temos um *deficit* de 60:000 contos, que só por si absorverá mais de 10 °|₀ dos rendumentos totaes do Estado!

Nós que para uma população de 5.000:000 de habitantes possuimos 5:000 escolas —1 para cada 1:000 habitantes!—3:000 das quaes não teem casa propria nem funccionam em cordições normaes; nós que temos um inferior ensino industrial, que temos todos os rendimentos hypothecados, as colonias com enormes *deficits* e abandonadas; nós, assolados por crises como a vinicola e por desastres como o de Benavente e o das inundações de dezembro; nós com todos os serviços publicos desorganisados e sem escolas profissionaes; nós apoquentados por indemnisações como a dos sanatorios e agora com a de Hilton, com questões como as muitas penosissimas que nos tem vindo das colonias e como a recente de Macau!

Nós, que não possuimos assistencia publica nem social garantidas, que não temos instituições de credito agricola nem leis de protecção operaria, que vemos as populações dos centros minadas pela tuberculose e que de imposto de consumo pagamos, só pelo capital mais de 2.688:000$000 réis e que temos as populações dos campos assombradas pela fome; que vemos o paiz despovoar-se pela imigração; os rios e o litoral a tornarem-se estereis ameaçando com maior miseria os milhares de pescadores que d'elles tiram o seu precario sustento; nós sobrecarregados de impostos até ao excesso, povo abatido, expoliado, opprimido e roubado que ao cabo de oitocentos annos de evolução, oitenta de regimen constitucional e um tão largo periodo de paz assim estamos afastados da civilisação e que gastando 8$000 contos com o exercito e 4$000 com a marinha, não temos exercito nem marinha capaz de defenderem a integridade do territorio continental, nem de assegurarem a autonomia da Patria!

Que ha-de ser então d'este paiz aviltado, d'este povo que á maior degradação baixou e sob a maior vergonha, atraso e ignominia arrasta a sua vida atribulada e mizeranda? Morrer?

Pelas praias da Dinamarca, assim monologava, cogitando, o infeliz Hamlet, corroido pela duvida—*morrer, sonhar talvez!* -

Será possivel, que este povo, que não vive hoje pela sua vida, mas pela memoria do seu passado, pelo sonho de glorias que a Historia conserva tal qual as lousas dos tumulos conservam os epitaphios, como o inditoso principe murmurando tambem, ouvindo resonar o oceano, se deixe escorregar para a morte?

Não sei; mas sei bem que o mesmo Hamlet da duvida, d'este modo philosophou—*ser ou não ser*, é que é o problema!

* *
*

— Oh! temos a Inglaterra! objectam-nos os parvos.

Como o Japão alliado da Inglaterra a teve na lucta com a Russia, como nós a tivemos quando o almirante Roussin entrou pela barra de Lisboa para levar para França a nossa esquadra.

—Mas a Inglaterra é nossa alliada!

Reparemos pois na alliança ingleza.

A opinião de toda a gente de senso é de que um paiz que não póde prestar auxilios militares a um alliado, não póde fazer uma alliança valiosa e seria. A nossa alliança com a Inglaterra, alliança que tudo leva a crêr que não existe, tarifa de basear-se na nossa capacidade defensiva.

«Para que a alliança ingleza não seja um protectorado odioso é preciso que firmemos a nossa organisação defensiva, não sob o ponto de que mais util pareça á Inglaterra, mas o que melhor seja para repellir uma aggressão directa» diz o sr. Moraes Sarmento, no seu livro *A defeza das costas de Portugal e a alliança ingleza.*

Ora se alguma convenção ou tratado existe entre Portugal e a Inglaterra, tratado cujos termos ninguem conhece nem o proprio parlamento, não póde ter outra significação se não de garantir ao leopardo britannico as admiraveis posições do Atlantico, e especialmente Lisboa, Horta, S. Vicente e Lagos, em que fluctua a bandeira portugueza sempre obrigada pela subserviencia dynastica, ausencia de força moral dos nossos estadistas e absoluta carencia de garantias de defeza ou d'aquella energia que só os povos livres possuem, a ser substituida no primeiro momento opportuno pelo pavilhão inglez, como já por vezes tem succedido.

De modo que tudo nos leva a crer que esse tratado ou convenção, não é, nas condições em que nos achamos, mais do que uma garantia para os interesses britannicos sem honrosas e devidas compensações para Portugal, se é que algum tratado existe.

Ora se é verdade que uma alliança com a Inglaterra nos póde ser conveniente, visto nós não possuirmos forças para manter a neutralidade das nossas posições de summa importancia n'um conflicto europeu e ser-nos indispensavel o mercado inglez, verdade é tambem que quem de nós muito precisa é a mesma Inglaterra.

Os nossos estadistas é que não teem sabido ver e aproveitar as nossas condições estrategicas para sobre ellas basearem uma alliança, aberta, positiva, segura e iniludivel a que o Reino Unido se não furtaria desde que visse em nós mais alguma coisa do que um povo que treme do papão e que nem póde nem é capaz de affrontar o papão, nem tem coragem para desfazer os espantalhos com que meia duzia de hystriões o amedrontam, enervam e bestialisam.

A condição essencial para podermos fazer uma boa alliança, alliança que não fosse um proctetorado odioso, como o está sendo esta simples influencia ingleza sobre os nossos negocios coloniaes e externos é possuirmos, além de uma séria e intellegente governança, capacidade defensiva; é termos um bom exercito, uma esquadra utilisavel, uma obra de defeza que nos assegure, durante algum tempo, a posse das nossas posições continentaes e insulares e assim o goso da nossa autonomia.

E sem isso, escusado é pensarmos em auxilios da Inglaterra, desde que não periclitem as posições referidas, isto é, desde que só de nossos exclusivos interesses se trate.

Bem o diz o sr. Moraes Sarmento, bem o diz o sr. Ferreira do Amaral, bem o diz toda a gente de bom senso, bem o vê quem não seja parvo e quem o queira vêr.

Qual o melhor momento para se fazer essa alliança, não vem para aqui descutir-se; entretanto se, como o sr. Ferreira do Amaral affirma, teria sido optimo o da passagem das tropas inglezas pela Beira para o Transwaal, do que discordo simplesmente por não acceitar o principio d'essa concessão, direi que, nas circumstancias em que nos achâmos, circumstancias multiplamente criticas e mizeraveis qualquer simples aproximação da Inglaterra, a pretexto do casamento do rei ou sob qualquer outro, seria um perigo para os interesses nacionaes.

A alliança do lobo e do cordeiro, nem na fabula deu bom resultado. E esta alliança seria um perigo simplesmente pela nossa decadencia moral e militar. Por não termos exercito, nem marinha, nem defeza em que nos apoiémos. Não temos pois alliança honrosa, nem tão cedo a poderemos fazer honrosamente.

*
* *

Provado como está, que para corrigirmos este deploravel erro, que aos nossos olhos de cidadãos e portuguezs assume as proporções de um imperdoavel crime, nos são precisos muitos e longos annos de sacrificio, maior erro e maior crime seria adiarmos por mais tempo a solução do problema.

Organisar a nossa defeza é, pois, para toda a actividade de politica e economica da nação, para a sua honra e independencia, um problema de vida ou de morte.

To be or vot to be, is the question!

E se o regimen é capaz de resolver esta questão de vitalidade nacional, porque o não fez n'este largo espaço de tempo que vem desde que na praia de Pampelido saltou o exercito libertador, ou pelo menos desde Evora-Monte ou ainda desde a paz de Gramido?

O regimen o dirá algum dia perante o tribunal da Historia, se antes o não disser á barra da revolução.

Alberto Souto.

O CONVERTIDO

"Quem vier ou mata ou morre.,,

(Do «Pulha de Aveiro»).

COMICIO REPUBLICANO

Promovido pelo Directorio, deve ter logar no proximo domingo em Lisboa, um comicio de protesto contra a reacção clérical e os abusos do juizo de instrucção criminal, esperando-se que n'elle tomem parte, além dos deputados republicanos, varios outros oradores do partido.

O *Democrata* envia desde já a sua adhesão incondicional a todas as resoluções que se venham a tomar n'essa importante reunião que mais uma vez ha-de affirmar, estamos certos d'isso, a força e vitalidade do partido republicano, unico que se mantem integro no seu posto de honra.

Burromeu e Floridor

—(*)—

(Novo trecho offerecido ao *Diario Illustrado* que extranhou não figurar ao lado dos jornaes que vão para á camara dos pares, *O Pulha d'Aveiro*).

Tartarin anda a fazer ensaios para se mostrar na proxima feira de março, em barracão de fantoches, com um terno de charanga de Frossos a servir de chamadoiro. O papel que lhe tem produzido mais enthusiasmo e em que promette fazer mais figura, é no *Burromeu* e *Floridor*, da *Man'zelle Nitouche*. *Está-lhe* mesmo a calhar. Faz de branco, faz de preto. Ensina musi-

ca n'um piano de pau. Para a direita e para a esquerda, segundo convem, por *questão de principios*.

. . . .

Se *Tartarin* se apresenta ao respeitavel publico como excellente compositor de *musica celeste*, se tenta vender-se por habil maestro, tangendo na safona da casa a *Maria Cachuça* e a *Caninha Verde*, é Burromeu. Se começa a lamentar-se de não lhe darem o apreço devido ao seu merecimento, d'elle, é Floridor...

Se *Tartarin* desce a intimidades, se faz confidencias, se escreve cartas, se *provoca cartas*, se vomita cartas e engole cartas, é Burromeu. Se assoalha segredos, se revela confidencias, se aponta quantos mosquitos a creada mata por noite, no quarto, é Floridor.

Um funambulo, um comediante, um palhaço de feira, vestido de chita ramalhuda, com os beiços pintados de vermelho e as faces cobertas de gesso, dando á manivella do realejo para chamar a concorrencia, não é mais grotesco.

Mas qué! O publico já não se deixa embarrilar, já não cae com os dez réis qara vêr a comedia.

Um artista da cidade commentava, ha dias, as pantominas de *Tartarin* do modo seguinte:

—Sempre a mesma cousa. Burros, bestas, cavallos, n'um dia, e no outro, cavallos, bestas burros; depois—bestas, cavallos, burros, ou, bestas, burros, cavallos, ás vezes em artigo de fundo, outras vezes, a meio da columna, fóra ou dentro, dentro ou fóra, e mais nada.

E' assim mesmo. O *sabio* arrebentou O *artista* falliu. *Tartarin*, o *sympathico*, deu em droga com a *sympathia*. *Monsieur l'important Tartarin* anda ás rebatinhas pelas valetas, a servir de bilharda, com a sua *importancia*. Uma cebola podre, uma laranja verde, uma noz chocha, um figo reboitado, não é... menos *sympathico*, nem menos *importante*.

Eis a ultima phase de Burromeu, a ultima figura de Floridor. SE AINDA HA QUEM SE DELICIE COM A SUA PROSA, FICA MAIS ENSARRABULHADO DO QUE ELLE.

(Da *Vitalidade*, **orgão do partido franquista em Aveiro**, Novembro de 1902).

A' CAMARA MUNICIPAL

E' preciso que esta corporação saiba a quem entrega a interpretação das leis municipaes para se evitarem novos vexames aos municipes como occorreu ante-hontem ao sr. José Joaquim, empregado da firma Reis & Filho.

Os *Carranchos* a interpretarem leis e a disporem arbitrariamente da liberdade dos cidadãos, é coisa que se não deve permittir.

Consta-nos que o sr. José Joaquim vae proceder criminalmente contra o fiscal da camara José Rodrigues Mieiro, e, se o vier a fazer, não teremos se não de o applaudir.

Foi o caso que o sr. Domingos João dos Reis, estabelecido com estancia de madeiras ao Rocio, ordenou ao seu empregado a remessa de uma partida de madeiras para as obras que traz em construcção no Bairro dos Santos Martyres.

O carro seguia o seu destino e eis senão quando surge o Zé Carrancho que com toda a sua prôa o embarga. O qomem puxa do regulamento municipal, lê o art.º 4.º que se refere á feira de S. José e diz: *Fóra dos locaes da feira não poderão, durante o periodo da feira, ser expostos á venda ou depositados em terreno publico da cidade, nem mesmo n'ella introduzidos em carros, em barcos ou de qualquer modo conduzidos os objectos designados, etc., etc.*

E Zé Carrancho, todo *ancho*, zás, trás, prás, ferra Zé Joaquim na cadeia por ter *transgredido* aquelle art. 4.º!...

O caso fez revoltar toda a gente que o presenceou.

No tribunal, onde o zeloso fiscal irá responder por ter commettido o crime do n.º 2.º do art. 291 do Cod. Penal, receberá o competente premio.

«O sr. Bernardino Machado é um homem de talento, é um homem de caracter, é um homem de principios, é um nome de prestigio».

(Do *Povo de Aveiro*)

Cynematographo Gaumond

Já se encontra em Aveiro o nosso velho amigo, José Alves d'Oliveira, proprietario na Borralha, dirigindo a montagem do seu *Salão Recreativo*, no largo do Rocio, onde tenciona fazer exibir o magnifico *Cynematographo Guamond*, inquestionalmente o melhor e o mais aperfeiçoado systema até agora descoberto.

Alves de Oliveira emprega todos os esforços para realisar as primeiras sessões publicas na noute do proximo sabbado, dia de S. José, dedicando-as á imprensa local. Pelas noticias que temos de Agueda e Anadia, as mais elogiosas possiveis, sobre a exibição, alli, do*CynematographoGaumond*,presumimos que este agradará immensamente ao publico de Aveiro, pelo que desde já auguramos um feliz resultado ao seu proprietario e nosso velho amigo.

Exposição

Visitámos no principio de esta semana a exposição de lavores e pintura que então se inaugurou no collegio de N. S. da Conceição, estabelecido no palacete da rua do Carmo e do qual é directora D. Rosa Regalla de Moraes, veneranda senhora de altas virtudes e de uma finissima educação.

Devemos, com sinceridade, dizer que nos surprehendeu deveras e agradavelmente tudo quanto alli encontrámos. Todos os trabalhos expostos, feitos exclusivamente por alumnas d'aquelle collegio, impõem-se á admiração dos visitantes pela arte, bom gosto e perfeição que revelam. De uma variedade quasi infinita todos elles nos encantaram, principalmente as pinturas, as flôres, as *dentelles renaissence*, os bordados a matiz, a escumilha, que, honrando as discipulas pelo seu comprovado aproveitamento, fazem collocar no primeiro plano do professorado o corpo docente do dito collegio que é, sem duvida, o primeiro do districto.

Entre aquellas é nosso dever citarmos o nome que firma a maior parte dos trabalhos de pintura e que vem a ser o da sr.ª D. Magdalena Pires Estima, d'Agueda, isto sem desdouro para outras alumnas, tambem distinctas, e que firmam trabalhos apreciaveis como são as sr.ªs D. Maria Azevedo, D. Maria dos Anjos Flamengo, D. Guilhermina Ferreira, etc.

A sr.ª D. Rosa Regalla de Moraes deve ter, e com rasão, orgulho de possuir discipulas que tão boa conta teem dado de si no collegio de que é digna directora e por isso a felicitamos fazendo votos pelas prosperidades de tão util instituição educativa.

Feira

Realisa-se ámanhã a feira annual de madeiras e alfaias de lavoura, denominada de S. José.

Se o tempo o permittir é possivel que a concorrencia á cidade seja grande.

FACTOS PARLAMENTARES

Um incidente e uma obcessão teem constituido o prato de resistencia da camara dos srs. deputados e dos dignos pares do Reino.

O incidente picaresco é do sr. Bispo de Beja.

A obcessão, o regicidio.

Pelo primeiro discute-se a legalidade do caso e as regalias do Estado, e allude-se em entrelinhas patuscas á *tesura* dos padres Ançãs e á immoralidade.

Alexandre Braga diz que o sr. D. Sebastião, que não é positivamente o da lenda, de nevoeiro e de messianismo, é um *passivo, passivissimo* sustentaculo dos conservadores, subserviente ao gesto jesuita. Trunfo é copas, que os francezes chamam *cœurs*, corações.

Brito Camacho appella para a sabedoria das nações, traduzida em proloquios, e assevéra que *o rabo é o peor de esfolar*, em quanto provincias inteiras, a pretexto do flagicio das inundações clamam que passam fóme de rabo.

Os astrologos consultando astros annunciam o comêta d'Halley que atirará sobre a terra o rabo flamante cheio de acido sulphydrico, e n'esta conjuncção terriblissima já não admira que cheire mal tanto episodio politico!

José d'Alpoim repisa as energias de varios reis e ministros que metteram na ordem bispos recalcitrantes e surdos ás advertencias da corôa; emfim vae uma barafunda, que faz arripiar os cabellos dos calvos, e n'esta nojeira de saguão todos se recordam da zaragata que foi quando o João Franco teve a ideia tetrica de que uma carta de rei se poderia despejar n'uma sargeta.

Sobre o regicidio, Alexandre Braga disse que o *Xandre* fallava *á rasa* e verberou com aquelle aprumo de tribuno e aquella dicção de jurista que é o encanto dos olhos e dos ouvidos, a especulação medonha que se tem feito em volta do assassinato do rei D. Carlos asseverando que a vida d'um cavador vale a d'um monarcha.

Presinto em tudo isto a influencia cabralistica do comêta e pela inversão dos factos é que eu imagino a inversão das pessoas, sobretudo a das que se mettem a comêtas.

Guerra Junqueiro synthetisou o estado d'alma do paiz a respeito do regicidio que victimou D. Carlos:

— *Se eu podesse matal-o eu não o mataria; mas se estivesse nas minhas mãos o resuscital-o eu não o resuscitaria.*

Porque foi que uma revolução victoriosa na Inglaterra decepou a cabeça de Carlos I, e outra revolução triumphante guilhotinou Luiz XVI?

Poderiam ter sido generosas poupando as vidas dos dois prisioneiros.

Quando porém a força cerca e protege um throno, que se divorcia da nação, como evitar o desespero d'almas violentas dispostas ao sacrificio supremo?

Bem andou o Bispo de Beja, todo seraphico que, como Christo, deseja que as creancinhas se lhe abeirem e que vendo as saias dos padres Ançãs, se equivocou quanto á sua energia e aptidões. Bem haja porque estabeleceu um democratico arrancando da pesada miseria dos politicos, um sorriso dubio, cheio de reticencias e de malicia, que bem póde, n'este scenario espectaculoso substituir a alegria gauleza de Rabelais.

Emfim, Deus nos accuda, que ninguem está seguro do que é seu e muito seu, e tanto que quem o tem, tem mêdo.

Isto explica as rasões porque a vida nova nunca chega a chegar, e a durindana da municipal chega tantas vezes.

Minusculos.

UMA HISTORIA

Foi em 16 de Janeiro de 1905 quando ahi se realisou o almoço em honra do illustre republicano dr. Magalhães Lima, almoço que lhe foi offerecido pelos habitantes d'Aveiro, sem distincção de côr politica.

A esse almoço assistiram, póde-se dizer, quasi todos os chamados franquistas d'Aveiro agrupados em volta do sr. Jayme de Magalhães Lima, irmão do festejado, e com elles o seu mais adorado menino Jayme Silva.

No fim houve os costumados brindes. Fallaram varios oradores e fallou tambem o nosso homem da *Beira Mar*, que para dar mais realce ao seu discurso o intermeou com a leitura do *Povo d'Aveiro* intencionalmente feita para pôr em cheque aquelle a quem hoje faz elogios depois de o ter arrastado pelas ruas da amargura, de lhe ter cuspido, de ter dito, emfim, o que elle já era e até o que ainda *não era*, como mais tarde se veio a saber.

Ora é para que se aquilate bem do valor d'essa gente de *bom estomago*, das suas convicções e da sua sinceridade, que nós vamos trasladar para estas columnas o que a seguir a esse almoço e por tanto ao discurso de Jayme Silva, escreveu o redactor do *importante semanario*, na opinião da *Beira Mar*, certos de que não ha nada melhor para os desmascarar que as palavras com que mutuamente se mimosearam. Ellas só por si bastam para definir a moralidade de cada um e vêr até onde póde chegar o desavergonhamento de certa gente.

Leiam, pois.

. . . .

«Um homemsinho, Jayme Duarte Silva, o *Mijareta*, tinha dito, antes, que não havia abandonado principios; que havia abandonado homens. Quaes homens? Sebastião de Magalhães Lima, a cuja *apotheose* se estava associando? Affonso Costa, a quem elle trata por *seu querido amigo?* Bernardino Machado, de quem se confessa *admirador?*

Quaes homens, *Mijareta?* Os que representam os principios republicanos são esses, e outros muitos como esses, esses de quem Jayme Duarte Silva se diz amigo e admirador. O *Mijareta!* Bacharel formado em leis!

Jayme Duarte Silva só encontrou no *Povo de Aveiro*, do qual lêu alguns periodos no banquete, palavras bastante eloquentes para enaltecer o nome do sr. Magalhães Lima. Mas o que Jayme Duarte Silva não viu é que procedia, d'este modo, á sua exauctoração formal, e á de todos os apostatas, e á de todos os francaceos, que cobriram essa leitura de applausos. *Mijaretas* todos!

Jayme Duarte Silva confessava, implicitamente, a nossa auctoridade. E se a nossa auctoridade era grande para levantar o nome do sr. Magalhães Lima n'esses periodos, era grande para arrastar pelas ruas d'amargura, n'outros periodos, o nome do *Mijareta* e d'outros *Mijaretas* que o applaudiam.

Jayme Duarte Silva, declarando que não abandonara principios mas que abandonara homens, mostrava á assembleia que o amor dos principios é tão grandioso, é tão nobre, que até faz com que os homens que possuem esses principios tenham a grandeza d'alma necessaria, a abnegação precisa, para fazer justiça aos seus proprios inimigos. E Jayme Duarte Silva, depois d'isso, ficava sendo, com a sua declaração, aquillo que nunca deixou nem deixará de ser: **um homem pequenino, um dançarino.**

Jayme Duarte Silva, considerando ô sr. Magalhães Lima honrado com as nossas palavras, considerava honrado, mais honrado ainda aquelle que teve grandeza d'animo para as proferir,

Como é o destino! Só do seu inimigo, e devido á sua influencia, o sr. Magalhães Lima encontrou, na terra de seus paes, e n'aquella que, vamos lá se póde considerar, sem esforço, a sua propria terra, palavras vibrantes, palavras quentes, palavras de verdade, palavras sinceras, traduzindo fielmente a missão do sr. Magalhães Lima na sociedade portugueza!

Não se ouviram n'aquella sala palavras de verdade e palavras de sinceridade, senão as dos republicanos. E nenhumas mais eloquentes que as do inimigo jurado do sr. Magalhães Lima.

Como nós nos vingámos d'elle! Jayme Duarte Silva **o apostata**, não abandonou principios; abandonou homens, declarou, quando alli esteve João Franco, em publico e raso, para usarmos a linguagem tabelliõa da familia, que acompanhava Jayme Lima *para onde quer que elle fosse*, porque Jayme iria para toda a parte *sempre bem*. O bacharel formado! O *Mijareta!*

Jayme Duart Silva não abandonou principios abandonou homens. E, minutos depois d'essa declaração, corria azafamado a impedir que fosse pr deante o nobre intuito do sr. Botto Machado! (1) E concorreu, nais do que ninguem, para que a proposta do sr. Botto Machado ño fosse admittida! E d'essa fórna lhe cahiria a mascara da menira, a mascara hypocrita, **se o lançarino não estivesse desmascarado ha nuito tempo.** O bachare formado! O *Mijareta!*

. . . .

(1) Botto Machado havia pıoposto que se enviasse um telegramma ao governo para ser revogada a lei de 13 de fevereiro, o que deu causa a graves tumultos entre franquistas e os republicanos que se achavam na sala.

N. da R.

PADRES

Sombras fataes da humana consciencia
E d occulto prazer dos corações,
Queroubaes os segredos das paixões
E perverteis o riso da innocencia;

Quelesfolhaes o lyrio sem clemencia,
A sybolica flôr das illusões,
E pfanaes as santas ambições
E achiméras febris da adolescencia;

Carrscos vis! Sarcasmos da Verdade!
Além no espaço azul se Deus habita,
Comdizeis—mentindo á Humanidade—

Porqe não vos esmaga e vos detem?
Só se um fraco Deus, sombra exquisita,
Ou etão como vós—Padre tambem!

Vaz Passos.

Morte d'un artista

Já não é do nuero dos vivos o actor João Rosa, uma las maiores glorias da scena portuguza.

O seu passamentodeu-se na terça-feira pela manhã, em Lisboa, exalando o ultimo suspiro na caa de Saude Portugal-Brazil para one tinha entrado ha pouco.

A morte de João Roza é das que, com justa razão, deveser considerada como uma verdadeira perda nacional.

Não está só de luto theatro. O paiz inteiro compartilha domesmo luto porque João Rosa pertenca-lhe e em toda a parte era conhecido apreciado como um dos nossos primeiro actores dramaticos.

Que descance em pz.

Appello justo

O *Nucleo* local da *Liga Nacional de Instrucção* fez distribuir a circular que segue acompanhada do summario do Plano Geral la *Liga*, a que damos publicdade, afim de os nossos leitors collaborarem na obra de tão util agremiação, entrando para a mesma, com qualque quota, que póde ser de 1$000 annuaes, o que, aespar d pouco, representa já alguma cousa em favor da causa d instrucção em que devem empenhar-se todos os bons portuguezes:

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Não ignora certamente V. Ex.ª o lamentavel estado em que se encontra a instrucção publica no nosso paiz e que somma de esforços, de dinheiro, de iniciativa e solida orientação, são precisos ainda para reduzir a um «minimum» toleravel a percentagem de analphabetos que contamina a sociedade portugueza.

Em todos os paizes modernos, desejosos de integrar-se no grande movimento social d'hoje, se olha com particular interesse o capitulo da instrucção, esforçando-se governantes e governados por tornar mais saliente e efficaz o gráo de cultura da sua nacionalidade.

Sabe-se que em todos os campos da actividade humana, no desenvolvimento material e moral dos povos, nas suas manifestações de intelligencia e de caracter, para as conquistas do progresso e para a valorisação das qualidades nativas que constituem o fundo ethnico d'um povo, é a instrucção o elemento essencial, indispensavel á affirmação d'uma incontestavel vitalidade.

E' pelo espirito que o homem se distingue e separa da restante animalidade e é o espirito humano um cadinho colossal, que não cessa de estar em laboração, e de onde surgem as vastas creações que na sciencia, na arte, na industria, no commercio, na politica, na moral, na religião, constituem o sagrado patrimonio da especie, sempre enriquecido com elementos novos que assim formam uma fonte constante de energia, de vida.

Quanto mais bem preparado e solidamente educado fôr o espirito do homem, maior será a segurança do seu valor, das qualidades proprias, na lucta social em que tem de intervir.

Armal-o, pois, para esse combate, com os elementos precisos para triumphar, é obrigação de toda a sociedade politicamente organisada.

E não é só no circulo limitado da actividade do homem, como individuo, que o triumpho está assegurado ao mais forte, ao melhor espirito, ao mais bem apetrechado e mais cuidadosamente instruido.

Como natural consequencia da expansão d'essa regra, as nações mais bem organisadas, de mais forte disciplina mental e moral, são as que mais assegurado tem o seu triumpho.

E a instrucção é o instrumento indispensavel e uma bôa educação.

Alguns milhares d'analphabetos, são outras tantas quantidades negativas, elementos sem valor, inhabilitados para essa educação mental e moral, que é a principal garantia para se caminhar e vencer.

Olhando para um paiz como o nosso, de pequena extensão e reduzido numero de habitantes, e vendo a maior parte d'estes mergulhada na treva do anaphabetismo e, portanto, na desvalorisação completa dos elementos proprios, porventura ricos de energia, mas incapazes, pela sua incultura, de a transformar em utilidades, desola e aterra, fazendo accordar estimulos para se curar de vez essa grande chaga.

Foi assim que se formou a Liga de Instrucção Nacional como coordenadora de todas as boas vontades, de todas as iniciativas particulares e de todos os sentimentos patrioticos individuaes para o resurgimento nacional pelo derramamento da Instrucção.

Nem só o Estado tem deveres a cumprir; e nem o Estado póde financeiramente arcar com a custosa empreza.

Muita cousa tem feito já, é innegavel, principalmente na ultima decada; muita coisa tem a fazer ainda e póde e deve fazer.

Mas muito ha a esperar da iniciativa individual que, em outros paizes, como na França por exemplo, onde «Macé» organisou uma «Liga» que serviu de modelo á portugueza, não só tem obrigado o Estado a dispensar ao assumpto a attenção e o interesse que ella merece, como tambem tem concorrido, por si propria, com o seu auxilio pecuniario e moral, para eliminar o mal que abatia a grande nação.

Façamos pois como ahi, e para isso,, será preciso que a Liga Nacional de Instrucção reuna, nos seus diversos nucleos, como associados, todos os que se interessam pela prosperidade da patria portugueza.

Só com um regular numero de socios, concorrendo com uma quota modesta, que póde ser até de 100 *réis* mensaes, póde a «Liga» fazer alguma cousa de util e duradouro.

E' pois para os sentimentos patrioticos de V. Ex.ª que appella o nucleo da Liga d'esta cidade, para que se digne inscrever o seu nome como associado, certo de que não se recusará a collaborar na obra do engrandecimento nacional.

A Direcção do Nucleo Local: *Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Cherubim da Rocha Valle Guimarães, Albino Pinto de Miranda, José da Fonseca Prat, Lino da Silva Marques, João Rodrigues Coelho, José Casimiro da Silva.*

PLANO GERAL DA LIGA

I —Esta Liga compõe-se de todos os individuos de ambos os sexos que, independentemente das ideias politicas e religiosas de cada um e sem d'ellas terem de abdicar, desejem promover a instrucção em Portugal.

II—Os fins da Liga são:

1.º—Fazer o cadastro do analphabetismo por localidades, concelhos, e districtos, servindo-se para esse fim dos nucleos concelhios e districtaes.

2.º—Promover, segundo as necessidades locaes, subsidio de roupa e alimento ás creanças pobres, para que possam frequentar a escola com proveito.

3.º—Providenciar de maneira que se obtenha bom professorado primario, masculino e feminino, para as escolas fundadas ou auxiliadas pela Liga.

4.º—Crear escolas primarias modelos, para os dois sexos, gratuitas para filhos de gente pobre a quem se deve ministrar ensino muito pratico e adquado ás diversas condições da vida real.

5.º—Estabelecer collegios modelos de instrucção secundaria, masculinos e muito principalmente femininos, onde a par de diversos conhecimentos litterarios, scientificos, e artisticos, se ensinem os trabalhos domesticos, noções commerciaes e elementos de hygiene e medicina caseira.

6.º—Crear estabelecimentos de artes e officios, de ensino gratuitos, para a mocidade pobre.

7.º—Promover o desenvolvimento das chamadas Universidades Populares.

8.º—Promover o desenvolvimento de Bibliothecas Populares.

9.º—Promover a creação de laboratorios de demonstrações scientificas, de gabinetes de physica para estudo das varias escolas, de mostruarios e muzeus industriaes, agricolas e coloniaes, para utilidade das classes trabalhadoras e commerciaes.

10.º—Cuidar, com desvelada attenção, do robustecimento physico da raça portugueza, creando cantinas e pequenos gymnasios escolares, de reconhecidas condições hygienicas.

11.º—Representar perante os poderes publicos, sobre todos os pontos que a Liga entenda serem uteis aos progressos da instrucção em Portugal.

V—Todos os socios d'esta Liga contribuirão com uma quota mensal, trimestral, semestral ou annual, cujo minimo poderá ser 1$000 réis por anno.

a)—Sendo necessario, para o progredimento da Liga, a cooperação de todas as pessoas de saber, de boa vontade e de dinheiro, fica entendido que esta Liga receberá, como escellente contribuição, todas as indicações pedagogicas valiosas, todas as iniciativas e energias, e todos os obulos, dadivas e legados que os seus socios ou pessoas extranhas lhe queiram offerecer, ou que se obtenham por meio de espectaculos publicos, kermesses, etc., etc.

b)—As quantias, dadas a titulo de offerta, serão gastas onde e como o doador determine de accordo com a direcção central.

JÁ?

A *Beira Mar* dando conta da scisão ultimamente aberta no *honrado* partido a que preside Vasconcellos Porto, escreve estas linhas que, para começo, são de primeira ordem:

> «Deixaram, pois, de pertencer ao partido regenerador-liberal os srs. Conselheiro Malheiro Reymão que foi ministro com João Franco, e o sr. Conselheiro Mello e Souza que, recusando-se a ser ministro com João Franco, pela permanentemente allegada doença, esteve afinal, *sempre bom para acceitar quanto logar vagou durante o ministerio regenerador-liberal, foi tudo quanto quiz, recebendo todas as honras, e as maiores conezias.*
>
> Sahiram do partido regenerador-liberal, porque, de facto, s. ex.as eram demais dentro d'elle».

O sublinhado é nosso porque aquillo merece ser posto bem em destaque.

E como a *Beira Mar* promette, mais de espaço nos occuparemos do assumpto que tanto riso nos causa.

Elles, afinal, é que se sabem defenir uns aos outros...

Falta d'espaço

Apezar do augmento de formato do nosso jornal, ficam-nos ainda hoje por publicar varios escriptos entre os quaes o artigo intitulado *Revolucionarios de Aveiro.*

Irão no proximo numero.

A hydra em Sarrazolla

Na noite de 14 de dezembro do anno findo, quem pelas duas horas da madrugada estacionasse nas immediações da barra d'Aveiro presencearia o espectaculo, a um tempo singular e inesperado, da entrada clandestina na foz do Vouga d'um mysterioso vapor de nacionalidade desconhecida, conduzindo a seu bordo vultos não menos mysteriosos.

Qualquer observador, ainda o menos sagaz, notaria immediatamente as mil precauções com que parecia rodear-se, não fosse a noticia da sua chegada alarmar as populações ribeirinhas da ria, cujas espelhentas aguas, mercê do assoreamento da barra, ha mais de cincoenta annos deixaram de ser agitadas pelo revolutear das pás das helices, concorrendo tal facto não pouco para a decadencia commercial cada vez mais accentuada da velha e gloriosa *Talabrica.*

Mas como e para quê forçaria o mysterioso vapor a impraticavel barra d'Aveiro áquellas horas e sem piloto?

E como conseguiu entrar sem ser previsto pelos pharoleiros e signaleiros da barra e sem que, ao menos, a *ronca* désse alarme?

Eis o que até hoje ainda ninguem conseguiu, nem, já agora, conseguirá explicar, a menos que não tenha pacto com o Diabo.

Pois bem! Alguem que não está positivamente no segredo dos deuses, muito embora o esteja no segredo das alfurjas revolucionarias da *grande quadrilha,* vae satisfazer a curiosidade dos leitores.

Já é banal, á força de se repetir e de se constatar, dizer-se que o paiz está, desde ha uns tempos a esta parte, atravessando um periodo de verdadeira agitação revolucionaria. Desde que, no dizer das conspicuas gazetas dos *adeantamentos* e do nosso *rico padre Sebastiãosinho,* o partido republicano prometteu o proximo advento da Republica com o *bacalhau a tres vintens* e *o arroz a pataco* (sic) a *gravataria* prepara-se com todo o denodo e afinco para um *corps á corps* com os janisaros e pretorianos do regimen, já agora, além do resto, um viveiro obsceno de *cogumellos sociaes,* na typica phrase do padre Ançã de insuspeita auctoridade.

Honra lhe seja. O estomago não quer fiador e o periodo declamatorio dos comicios já lá vae. *Res non verba* é o clamor que do norte a sul do paiz se faz ouvir e com grande aprazimento das hostes vermelhuscas e sanguisedentas do *buissismo* nacional.

Assim sendo, não deve surprehender ninguem que a *grande quadrilha,* n'um proposito firme de pôr termo ás proezas dos *Leandros* da monarchia, resolvesse armar-se até aos dentes, fazendo furiosamente a occultas, ou nas bochechas da *austeridade* contrabando d'armas dos mais variados calibres para as *infames alfurjas secretas,*como,indignadamente,soe dizer o *grandissimo* e não menos virtuoso padre Mattos, de patusca notoriedade.

E que as alfurjas estão a abarrotar, é incontestavel. D'aqui avisamos o zeloso e *fleugmatico* juiz d'instrucção criminal que, pela coragem de que tem dado sobejas mostas, nem parece ser um authentico *cagareu* dos quatro costados.

Mas embora! Assim mesmo é que eu gosto d'elle. Eu e a minha prima Felicia que, aqui á puridade, é uma *canastra* furiosa de tres assobios.

Adeante...

As alfurjas estão a abarrotar e assim é que, por denuncia *Capirotacea,* já o sr. governador civil deve estar ao facto de que em Sarrazolla ha menino que é possuidor de cada trabuco, de cada bacamarte, que, pelo seu desmesurado calibre, constitue um verdadeiro escandalo. Até o *nosso rico padre Sebastiãosinho* se recusaria a lançar a sua episcopal benção se tivesse na sua diocese, e junto de si, taes ovelhas, fugindo horrorisado ao contemplar..... gente de animo tão bellicoso.

Aquillo já não é liberdade, é licença. Urge a intervenção dos poderes competentes para socego da *mocidade radiosa* e boas digestões dos seus serventuarios.

Intervenha, pois, senhor governador civil! Olhe que as instituições perigam se V. Ex.ª não cumpre o seu dever. Indague V. Ex.ª como é que essa gente veiu a possuir tão despropositados instrumentos de ataque; se foi por herança paterna, ou por contrabando. Tudo isto precisa ser esclarecido, e bem; de contrario *Capirote,* que é *calisto e jetattori,* não responde pela segurança do throno da *mocidade radiosa e bella,* de que é um fiel e respeitoso subdito.

Não ha ninguem que o ponha ao facto de tudo quanto se passa na crea da sua jurisdição? Então oiça-me, ex.mo senhor. Serei eu que, por dó das instituições que felizmente nos regem *(não se ria, sr. governador civil),* o vou pôr ao facto do que occorre.

Sarrazolla é hoje o logar da freguezia de Cacia onde, com um desbragamento inaudito, impera a demagogia mais infame. Assim o confirma o santo e virtuoso varão que é o prior da minha freguezia.

Aquillo está de ha muito fóra da graça de Deus. E' uma maçonicagem pegada. Nem já o Diabo é juiz de semelhante confraria! E olhe que o Diabo tambem é socio do Centro *Antonio José d'Almeida!* Não sabia, sr. conde d'Agueda? Pois fica-o agora sabendo e o sr. juiz d'instrucção tambem, para os fins que julgar convenientes.

Ora quando o Diabo, que é correligionario *gravitinha,* não consegue dominar os animos em Sarrazolla, que admira que a hydra de Lerna, pescando nas aguas turvas, lá se fosse acoitar, acommodando-se a um meio propicio para fazer das suas!?

Que admira que *Capirote,* farejador como é, denunciasse a grande quadrilha de possuir lá bastante armamento? Mas agora reparo, senhor governador civil, que v. ex.ª deve estar sob brazas para saber como foi o armamento para Sarrazolla.

Vou satisfazer-lhe a curiosidade. Olhe, parte d'elle já lá vem de traz, foi herdado pelos seus possuidores como bens de raiz, e é a causa unica do seu orgulho, da sua alegria de conquistadores temiveis.

Comtudo, nunca os seus possuidores o utilisaram no intuito criminoso de destruição do nosso semelhante, antes pelo contrario. Este está, por sua natureza, fóra da alçada da lei e do *Juizo de Instrucção Criminal.*

Quanto á outra parte, devo dizer que n'ella é que está o *busilis,* pois que fazia parte do carregamento do tal vapor mysterioso que praticou a façanha, nos ultimos tempos inedita, de forçar a barra d'Aveiro sem mais aquellas.

Foi este vapor habilmente timonado, a dentro da ria, pelo *destemido piloto e velho lobo de mar,* que é o orgulho de toda a Sarrazolla e adjacencias, por Camondo emfim.

Foi admiravel de pericia e decisão a forma como Camondo conduziu o navio phantasma, desde a barra d'Aveiro, até ao seu improvisado fundeadouro, na ribeira de Sarrazolla.

Como elle evitou os baixios da ria! Como elle conseguiu safar-se das rascadas e aproar o vapor á foz do *rio Novo!!*

Como elle obteve, emfim, sahir-se bem de tão arriscada empreza!!! E' que elle, como bom *gravatinha* que se preza de ser, sabia bem que á sua responsabilidade profissional estava confiado um navio, cujos porões vinham abarrotados de... irrefutaveis argumentos para convencer a monarchia a ir arejar por essas *Europeas* fóra. D'ahi o sahir-se bem da missão com que o honraram.

Assim que Camondo lançou ferro em frente de Sarrazolla, onde chegou pelas 3 horas e meia da madrugada, immediatamente e com voz imperiosa de commando ordenou da ponte aos seus subordinados o toque dolente e neurasthenico do busio, signal convencional para a *gravataria* sahir das *choças, barracas* e outras alfurjas locaes, (não confundir com as de ramo de louro á porta) afim de immediatamente se proceder á descarga do contrabando de guerra. Foi uma faina espantosa.

N'um apice toda a carga clandestina conposta de *Brownings, Parabellum Smiths, Manulichers, Mausers Winchesters*—marca *Buissa,* metralhadoras, canhões *Krupp, Canet, Armstraug, Hontoria, Hoschkis* e munições respectivas, foi posta em logar seguro. Nada faltava para o triumpho do *bacalhau a trez vintens.*

Nem mesmo apparelhos e antennas (genero *Capirote*) para a telegraphia sem fio, espelhos para telegraphia optica, holophotes, bandeiras para signaes, parque aerostatico, etc., foram esquecidos. A coisa fracassou sómente pelo lado dos aeroplanos, visto que nenhum foi encommendado, estando-se á espera do resultado das experiencias do *Gomes da Silva II,* em Torres Novas, para se fazer a acquisição d'um... casal d'estes novos *aviatores.* Emfim, tudo previsto e calculado. E ainda diz o *Capirote* que a *grande quadrilha* não é atilada! Oh, se é!

Pois se ella até tinha senha e contra-senha!...

E quer v. ex.ª saber qual era?

Tudo quanto ha de mais genuinamente *gravatinha,* a saber: *—Bébes dois, ou fará-te mal?* Contra-senha:*—Oh! Soisa, vaes á grammatica?*

Já vê v. ex.ª que *Capirote* não tem razão. A *buissada* não dorme. A *purria* demagogica tambem sabe precaver-se e reinar a sério ás revoluções.

Mas o armamento, onde está, vae v. ex.ª perguntar-me? Isso agora, meu caro senhor, tenha santa paciencia que o não saberá. Veda-me dizel-o um compromisso de honra. Sómente, e para lhe ser agradavel, condescendo em dizer-lhe que todo elle está confiado á guarda e vigilancia da *Maria da Grade,* um virago terrivel, ainda parente da *Maria da Fonte,* e que costuma atrahir os petizes incantos para o fundo dos poços.

Comquanto não seja tudo já alguma coisa é, para v. ex.ª começar as suas indagações, ou confiar a diligencia a quem de direito, isto é, ao ex ir.·. *Hoche,* de zaragateira e poeirenta memoria. Elle a proceder e *Capirote* a farejar é causa ganha para a *gloriosa monarchica dos adeantamentos.* Não hesite, pois v. ex.ª durante mais tempo.

Mãos á obra e ávante que Deus e o padre *Sebastiãosinho* é comvosco.

Choisa Maia.

Trespasse de drogaria

Communicam-nos os srs. José Ferreira Pinto Junior e João José Diniz d'Oliveira que tomaram de trespasse ao sr. Pereira Barbosa, a drogaria de que este sr. era proprietario, no Porto, ficando todo o activo e passivo a cargo dos mesmos.

A nova casa ficará a denominar-se, *Drogaria Pereira Barboza, Successores,* esperando os seus societarios, antigos empregados, continuar a merecerem o conceito que era dispensado á antiga firma, o que estamos por certos assim succederá.

PARA... O FUNDO

O *Pulha d'Aveiro* abriu subscripção destinada, segundo diz, a um *fundo de propaganda* para combater a *quadrilha republicana* e desde logo nomeou uma commissão que ha de receber os donativos, composta do Major reformado **Antonio Augusto Beja,** do *capellão fidalgo da Casa Real* padre **Marques de Castilho** e do seu *intimo* **Francisco Augusto da Silva Rocha.**

E' conveniente que se saiba que d'Aveiro não é senão o ultimo cavalheiro citado, cuja importancia é nulla, apesar de desempenhar o logar de professor de desenho e director da Escola Industrial.

O distinctivo d'esta commissão está naturalmente indicado. Ha de ser o mesmo que o *pasquineiro* desejava para substituir as armas d'esta terra que elle tanto tem affrontado e continua a affrontar.

Aos aveirenses, dignos d'este nome, compete ir tomando nota dos que fazem causa commum com esse bandalho de cuja bocca não tem sahido senão lama, bilis, porcaria, excremento.

Recreio Artistico

Passa ámanhã o anniversario d'esta associação local que, como de costume, será festejado pelos seus associados com uma sessão solemne ás 5 horas e meia da tarde e um sarau, á noite, no Theatro Aveirense, para o que foram feitos grande numero de convites.

Antecipamos á prestante collectividade as nossas saudações.

Filicidio?

Sob a grave accusação de ter morto um filho recem-nascido, encontra-se presa desde o fim da semana passada, a serviçal Amelia Pecegueiro, moradora que era no logar de Sant'Hiago onde o cadaver da creança foi enterrado por um rapaz que para esse effeito recebeu, dizem, a quantia de 1$500 réis.

A justiça tomou conta do caso procedendo no domingo ao exame medico os srs. drs. Lourenço Peixinho e José Maria Soares.

Miserias da vida.

Onde digo que digo, digo que não digo

....

«Não lhe digo isto por despeito. Creia, meu senhor. *Apesar de tudo eu estimaria o triumpho do partido republicano.* Por mais que elle esteja cheio de vicios, por menos que corresponda aos interesses da democracia, a Republica não seria peor do *que isso que para ahi está. Seria melhor. Apesar de tudo, seria melhor.*»

(*Povo d'Aveiro*—Janeiro, 1907)

....

«Não se trata de politicos. Não temos na nossa frente politicos. Um partido politico. Muito menos um partido republicano. Não. Politicos republicanos, não. Ladrões, assassinos, canalhas, a mais vil escoria, a corja mais immunda, que em nome da patria, da ideia da humanidade, é preciso enforcar, queimar, triturar. Convençam-se! Não esperem nada de tal gente. Convençam-se que a experiencia está feita.

Portugal quer avançar?

Tem de os esmagar, sem dó, nem piedade.

Já agora nos proximos numeros acabaremos de o demonstrar.

(*Pôrco de Aveiro,* Janeiro de 1910.(

Em janeiro de 1907 a *porrada e agua á jarra* era só para as *quadrilhas* monarchicas.

Como quer que ellas agora se chegassem ao preço a receita passa a ser applicada ao partido republicano.

Milagres do cofre da policia e do... Quelhas!

Livros, Revistas & Jornaes

«Conferencias do professor Julio de Mattos»

Editado pela conhecida *Livraria Portuense* acaba de apparecer um volume de 109 paginas reunindo as dez primeiras conferencias do eminente psiquiatra dr. Julio de Mattos, director do Hospital do Conde Ferreira e que foram realisadas ultimamente a convite da Escola Medica do Porto.

D'essas lições, pertencentes todas ao *Curso clinico de doenças mentaes e nervosas,* fez a reportagem o nosso amigo e collega da *Patria,* Bartholomeu Severino, e a elle se deve portanto o apparecimento do interessante livro que não só honra o jornalista como ainda tem a recommendal-o o ser d'uma superior utilidade para a classe medica.

A Bartholomeu Severino agradecemos, reconhecidos, o exemplar com que nos distinguiu.

«O Radio e a Pedra Philosophal»

Do sr. Antonio Barradas, que o traduziu do italiano, recebemos este livro scientifico de que é auctor Ferruccio Rizzatti.

Agradecemos.

«A Vanguarda»

Appareceu no domingo o 1.º numero d'este nosso prezado collega de Lisboa que ha tempo havia suspendido a sua publicação.

A *Vanguarda,* que volta a ser dirigida pelo intemerato propagandista do livre pensamento, sr. dr. Magalhães Lima, sahirá, por emquanto, semanalmente, promettendo occupar-se de proferencia das questões que mais directamente interessam á sociedade e que são, entre outras, a questão do pão, a questão das carnes, a questão das cooperativas, a questão da assistencia publica, etc.

Com o desejo sincero das suas prosperidades, enviamos a Magalhães Lima e á *Vanguarda* as nossas saudações.

«Prospero Fortuna»

Da conceituada casa editora Lello & Irmão, proprietarios da conhecida *Livraria Chardron,* do Porto, sahiu, ha pouco, mais uma bella obra de pathologia social com o titulo da epigraphe, formando um grosso volume de 560 paginas que tem sido muito apreciado, como de resto o são sempre os escriptos de Abel Botelho, seu auctor.

Ficamos muito obrigados aos srs. Lello & Irmão pela sua offerta.

«A Lanterna»

Occupa-se o n.º 37, ultimo que recebemos, do celebre prdre Mattos, do *Portugal,* que ora se arvorou em *mestre de eloquencia dos reverendos parochos portuguezes!*

Interessantissimo.

Necrologia

Fomos dolorosamente surprehendidos com a noticia da morte, em Oliveira de Azemeis, da sr.ª D. Emilia Clementina de Castro Cunha, dedicada esposa do nosso particular amigo sr. Augusto da Cunha Leitão conceituado pharmaceutico ali estabelecido.

Era uma senhora que se distinguiu sempre pelas suas virtudes e lhaneza de trato, motivo porque quem escreve estas linhas, verdadeiro conhececedor de tão nobres predicados, se curva deante do seu cadaver e envia ao marido desolado a sincera expressão do seu pezar.

*

Tambem falleceu no Porto o sr. Pereira Barboza, antigo droguista, que em Aveiro possuia numerosos relações commerciaes.

Era amigo intimo dos nossos inolvidaveis correligionarios Francisco Antonio de Moura e Sertorio Affonso, parecendo que o destino o impelliu a juntarem-se na eternidade quasi ao mesmo tempo.

A toda a familia enlutada enviamos o nosso cartão de pezames.

Curso de telegraphia

As aulas de telegraphia pratica que até ha pouco eram professapas no *Lyceu Polytechnico* e no *Collegio Moderno* de Lisboa, e que ahi estiveram sob a regencia do professor sr. Adelino Correia, reuniram-se agora na *Escola Profissional* da mesma cidade, sita na Rua do Poço dos Negros, 81.

Estas aulas habilitam em curso de um anno para os logares de empregados de correios e telegraphos, individuos d'ambos os sexos. E para as pessoas da provincias que desejem mandar para a capital os seus filhos á frequencia d'este curso, a *Escola Profissional* tem annexo um pensionato, onde, por preço modico e com um tratamento como de familia, se admittem internos—na secção masculina sob a vigilancia de prefeitos e na secção feminina sob a direcção de regentes.

Para esclarecimentos sobre a matricula, que actualmente está aberta, dirigir ao secretario da *Escola Profissional de Lisboa*—Rua do Poço dos Negros, 81.

Pela imprensa

Completou mais um anno de existencia o nosso estimavel collega *Intransigente,* bi-semanario republicano de Portalegre.

Com os nossos cumprimentos vae o ardente desejo de que continue a viver para a lucta em que se empenha.

Para os pobres

O nosso generoso correligionario do Porto, sr. José Ferreira Pinto Junior enviou-nos para distribuir na segunda-feira pelos nossos pobres, em commemoração do 30.º dia do passamento de Sertorio Affonso, a quantia de 2$500 rs.

Bem haja.

Expediente

Em virtude de estarmos procedendo á cobrança das assignaturas d'este jornal, rogamos a todos os nossos assignantes a quem forem apresentados os recibos de pagamento ou que tenham aviso das estações do correio para os irem satisfazer, o favor de não os deixarem vir devolvidos, pois que isso não só nos acarreta maior despeza, como ainda nos transtorna sobremodo a escripturação que desejamos trazer quanto possivel em dia para evitar um certo numero de faltas que ás vezes se dão sem motivo que as justifique.

A'quelles que já satisfizeram, enviando-nos a importancia em estampilhas ou vale, os nossos agradecimentos.

*

No Pará e Manaus, Estados Unidos da Republica do Brazil, são, respectivamente, nossos representantes e portanto encarregados de receberem as assignaturas, os srs. João José Nunes da Silva, rua Nova de Sant'Anna, 89 e Manuel Taveira Coutinho.

CORRESPONDENCIAS

SARRAZOLLA 15.

A JUNTA DE PAROCHIA DE CACIA

Sr. Redactor:

Tendo lido, no ultimo numero do *Democrata,* o alvitre d'um *Caciense* para se reclamar do parlamento a creação d'uma meza eleitoral autonoma em Cacia, permitta-me, sr. redactor, que eu corrobore o pedido do meu anonymo conterraneo, pois que tudo tem de justo e acceitavel.

Esperamos que a sua abstenção não será estorvada por nenhuma baixa conveniencia da politiquice indigena, visto, que, com tal melhoramento, só tem a lucrar toda a freguezia e a genuinidade do acto eleitoral pela maior affluencia de eleitores.

A freguezia de Cacia tem hoje uma população superior a 2:500 habitantes, o que de sobejo justifica a realisação de tal melhoramento.

Confiamos, pois, em que a junta de parochia não perderá o favoravel ensejo de reclamar em tal sentido, agora que se pensa na reforma da lei eleitoral.

Um Sarrazollense.

Padaria Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como artigos de mercearia que vende por preços excessivamente baratos.

Entre as differentes qualidades de pão que fabrica, conta-se o pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos.

Completo sortido de bolacha nacional.

CAFÉ, especialidade da casa.

CANTARIA DAS PEDREIRAS DE LEIRIA

ANTONIO AUGUSTO DA SILVA, tem para vender, no local da obra que anda a construir ao sr. Francisco Marques da Silva, na rua do Carmo d'esta cidade, a onde pódem ser vistas por qualquer pretendente, 9 pedras apparelhadas, sendo as dimensões d'essas pedras as seguintes:

De calcario branco

2 hombreiras de $2^m,58 \times 0^m,18 \times 0^m,18$
1 dita de $2,58 \times 0,18 \times 0,175$
1 dita de $2,50 \times 0,18 \times 0,175$
1 dita de $1,50 \times 0,20 \times 0,18$
1 dita de $1,495 \times 0,20 \times 0,18$
1 pilastra de $1,50 \times 0,38 \times 0,10$

Marmore Lioz

2 Socos de porta, de $1,00 \times 0,50 \times 0,23$

Esta pedra vende-se a réis 30$000 por metro, a branca, e 40$000 a de Lioz; preço do seu custo.

Tambem se encarrega do fornecimento de cantaria de Lioz e calcario branco de Leiria, apparelhada ou em bruto, por preços inferiores a 10$000 réis em cada metro cubico, aos estabelecidos n'esta cidade, sendo egual a qualidade de pedra, egual o seu preparo e da mesma procedencia.

VENDA

Vende-se um assento de casas, com aido de terra lavradia, poço, eira, videiras, sito no Cabeço de Sarrazolla.

Trata-se, em Sarrazolla, com a sr.ª Thereza Rosa Ferreira, ou, em Aveiro, com o advogado, sr. dr. André dos Reis, na rua Direita, 56.

ADEGA SOCIAL

Avenida Conde d'Agueda

Todos os dias variados petiscos á moda de Lisboa.

—

Vinhos, da Quinta do Barbas, tinto a 40 réis o litro e branco a 70 réis.

—

Aceio e limpeza como em nenhuma outra casa.

—

Compartimentos independentes.

AVEIRO

CASA

Vende-se d'um andar, sita na rua do Gravito.

Para tratar com Antonio Augusto da Silva, morador na mesma rua.

Candieiros

Vendem-se dois de suspensão e seis de parede.

Quem pretender queira dirigir-se ao secretario da direcção do *Centro Escolar Republicano*, **sr.** MAMUEL LOPES DA SILVA GUIMARÃES.

Conferencias pelo professor JULIO de MATTOS

—*—

Reportagem de **Bartholomeu Severino**

SOMMARIO

Evolução historica do conceito da loucura atravez dos tempos—Etiologia das doenças mentaes e nervosas—Cousas endogenicas—A hereditariedade—A arvore geonologica de D. Rosa Calmon—Traumatismo e infecções—O que a psiquiatria espera da chimica organica—A idiotia e a imbecilidade—Uma incursão pela psicologia—As noções de sujeito e objecto e o mecanismo da sua formação—O *eu* e o *não eu*—A consciencia—Espirito e materia são a mesma cousa—Condições que suspendem a consciencia; condições de variabilidade e extensão—Automatismo psiquico—Condiçoes geneticas da consciencia—A synthese como caracter fundamental da consciencia—A unidade do *eu*—A personalidade pela convergencia da cinestesia e da memoria—Dissociação psquica—O systema nervoso—Actividade superior e inferior—A inibição—O acto reflexo—Psiquismo superior e psiquismo inferior—Existirão neurones especiaes presidindo aos diversos psiquismos?—Opiniões apostas—O schema de Grasset—Os centros psiquicos superiores. Alucinações e ilusões—Illusões fisiologicas—Alucinações visceraes, unilateraes e desdobradas—Condições favoraveis á producção das alucinações—As imagens—Tipos piscologicos—O valor das imagens na ideação—O sentido muscular—A afasia motora, a graphia e a surdez cerebral—Como se constitue uma percepção—Sensação bruta e deferenciada—O que separa as sensações das imagens—A theoria cortical de Tamburini e as suas modificações—Sensações e imagens não se localisam no mesmo centro: ha centros sensoriaes e centros imageticos—O lado positivo e o lado negativo das alucinações—Os dez grupos de delirios e a sua reducção a cinco—Caracteristicas das ideas delirantes e das obsessões—O conferente está com os psiquiatras que consideram a obsessão um delirio abortado e o delirio uma obsessão que seguiu caminho—Uma mulher atacada da fobia dos contactos, em seguida a umr infécção puerperal e enfraquecimento organico—Delirante ou obsecada?—Pan-fobias—Todas as obsessões teem um fundo emotivo.

Preço 400 réis

Livraria Editora de Lopes & C.ª—Successores

119, Rua do Almada, 123

PORTO

JORNAES

Ha grande quantidade d'elles para vender na typographia do *Democrata*, Rua de Jesus.

AOS ESPIRITOS LIVRES

E. Kaeckel

Os Enigmas do Universo	600
As Maravilhas da Vida	600
O Monismo	200
Origem do homem	300
Religião e Evolução	300
Historia da creação—no prélo	

F. F. Strauss

Vida de Jesus, 2 volume	1.500
Antiga e nova fé, traducção completa—a do sahir prélo	400

Ernesto Renan

Vida de Jesus	600
Os Apostolos	600
S. Paulo	700
Anti-Christo	600

Pedro A. Vianna

Defeza do nacionalismo	600

José Caldas

Os jezuitas	600

Heliodoro Salgado

Culto da immaculada	700

Theophilo Braga

Lendas Christãs	700

José Sampaio

A Questão religiosa	800
A Ideia de Deus	800
A Dictadura	500

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno	1$000
Patria	800
Finis Patria	300
A Victoria da França	100
Oração ao pão	120
Oração á luz	200

João Grave

A Anarchia, fins e meios	700

Amadeu de Vasconcellos *(Mariotte)*

Sciencia para todos, vol. a	200

Publicações de volumes de dois em dois mezes. O primeiro sahirá a 15 d'abril proximo, iniciado pelo livro—*Os Cometas*.

Envia-se gratis o catalogo geral completo a quem faça o pedido.

LIVRARIA CHARDRON

DE

LELLO & IRMÃO, editores

144, Rua das Carmelistas

PORTO

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

OFFICINA DE SERRALHARIA MECHANICA

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

Ricardo Mendes da Costa

Successor de **Domingos L. Valente de Almeida**

RUA DA CORREDOURA

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Deluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Creosonal

Elixir tanno-phospho-creosatado

O melhor agente da medicação *phospho-creosatada* para tratamento de

FRAQUEZA PULMONAR
TUBERCULOSE
FRAQUEZA GERAL
TOSSES
ASTHMA
BRONCHITES
ANEMIAS
RECHITISMO
ESCROFULOSE
FALTA DE APPETITE
SUPPURAÇÕES OSSEAES
CONVALESCENÇA DAS DOENÇAS GRAVES
PNEUMONIA E GRIPPE

ESTIMULA FORTEMENTE O APPETITE

Tonico reconstituinte e antiseptico das vias respiratorias

O CREOSONAL foi largamente experimentado no Hospital de tuberculosos, ao Rego, mostrando sempre ser um bom medicamento.

Os doentes tomam-n'o muito bem, porque é o unico preparado **phospho-creosotado** que não precisa de se lhe ajuntar agua e que tem cheiro e gosto agradaveis, sendo absolutamente tolerado pelos estomagos mais susceptiveis. Faz augmentar o peso e desenvolve os tecidos musculares e osseo.

Frasco 1$200 réis.

Ph. Jayme Tavares, R. N. da Piedade, 14, Lisboa — Azevedo, R. Principe — Casaca, R. S. Paulo.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

—*—

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

Director—**RIBEIRO DE CARVALHO**

"A Egreja e a Liberdade,,

Acaba de iniciar a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma *Bibliotheca de Educação Moderna*, destinanada a fazer conhecer, em portuguez, as obras mais sensacionaes que forem apparecendo, em todos os paizes, sobre as questões politicas e religiosas que estão transformando a actual organisação social.

E o livro com que foi inaugurada a Bibliotheca não podia ser de mais ruidoso exito. Trata-se de *A Egreja e a Liberdade*, ultima obra de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, que tão grande voga teve entre nós.

O novo livro *A Egreja e a Liberdade*, agora traduzido em portuguez, é a historia das perseguições religiosas e da intolerancia sacerdotal, indo desde a Biblia até aos nossos dias—historia amassada em torrentes de sangue, em crueldades e morticinios tremendos. Commove-nos, quando narra as tragicas torturas da Inquisição. Enche-nos de indignada surpreza, ao traçar o quadro da devassidão clerical na Roma dos Papas. Dá-nos uma ideia do que é a organisação da mais poderosa associação catholica, a Companhia de Jesus, quando nos mostra que foram os proprios jesuitas os auctores e mandatarios de varios regicidios, porque até o assassinio defendem e prégam, se é conveniente aos seus secretos interesses.

"Socialismo e Anarquismo,,

E' este o titulo do segundo volume da Bibliotheca. Constitue um estudo, completó e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes. Pederiamos d'ar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos esses assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miseria—A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios—O casamento sem auctorização paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo catholico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo—A sua origem e os seus diversos systema—O que querem os anarquistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspirações dos verdadeiros revolucionorios—O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os martyres do Anarquismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

"Descendemos do macaco?,,

O terceiro volume é tambem um livro, interessantissimo, com este titulo: **Descendemos do macaco?**

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: **Descendemos do macaco?**

Affirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel desceder d'um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: **Descendemos do macaco?**

—(*)—

Preço de cada livro: brochado, **200** réis. Magnificamente encadernado em percalina, **300** réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa e Brazi. Pedidos á **Livraria Internacional**, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10—RUA DO CAES—12

AVEIRO

Loja de chá e café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licores e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.